

DAVI SACER

A FLECHA



ESCRITO POR **FARAH BUCATER**

DAVI SACER

A FLECHA

ESCRITO POR FARAH BUCATER

DAVI SACER

A FLECHA

Cenas da biografia autorizada de **Davi Sacer**

Edição especial de divulgação.
Compartilhe.

ESCRITO POR **FARAH BUCATER**

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Introdução

Capítulo 1 - A cobertinha

Capítulo 2 - O menino de cabeça baixa

Capítulo 3 - A melhor roupa do armário

Capítulo 4 - O guerreiro e a aljava

Capítulo 5 - As manhãs de Nova Iguaçu

Capítulo 6 - Flechas no ar

Capítulo 7- O cristal

Capítulo 8 - A noite em que Deus falou

Capítulo 9 - O Encontro

Capítulo 10 - A lista

Epílogo

Considerações Finais

Uma palavra antes

Este não é o livro. É o arco sendo armado.

Em algum momento de mil novecentos e noventa e seis, num canto de sala da Baixada Fluminense, um rapaz recém-casado e desempregado orava com um violão no colo quando teve uma visão. Viu um guerreiro de outro tempo. Nas costas dele, uma aljava, o estojo de couro onde se guardam as flechas. O guerreiro acendia fogo na ponta de cada flecha e lançava, e cada flecha cravava num ponto de um mapa do mundo, e cada ponto começava a arder. Quando a visão se aproximou, o rapaz viu que as flechas que ainda esperavam dentro da aljava tinham nomes escritos. Eram títulos de canções. Canções que não existiam.

O rapaz era Davi Sacer. E aquelas canções, que um dia se chamariam Toque no Altar, Restitui, Deus de Promessas e Tua Graça me Basta, o Brasil inteiro cantaria.

Este material se chama A Flecha por causa dessa visão, mas também por causa de algo dito muito antes dela. O pai do Davi, um pastor que criou onze filhos, gostava de chamar o caçula de a última flecha que Deus tinha lhe dado. Ele nem imaginava o quanto estava profetizando. Porque a vida do Davi é exatamente a história de uma flecha: talhada no silêncio, guardada por anos que pareciam perdidos, e lançada

por Deus, no tempo dEle, contra alvos que nenhum mapa humano previu.

O que você vai ler nas próximas páginas são cenas dessa vida, extraídas da biografia autorizada, que leva o nome de Davi Sacer, A aljava. Cenas que explicam como um menino de Nova Iguaçu, que cantava de cabeça baixa, se tornou uma das vozes mais ouvidas da música cristã do Brasil, atravessou a ruptura e o silêncio, e chegou aos cinquenta anos com a convicção de que a missão dele acabava de ser ampliada.

Mas é preciso dizer, antes da primeira página, o que esta história é de verdade. Ela não é, no fundo, a história de um cantor. É a história do que Deus é capaz de fazer com uma vida inteiramente entregue nas mãos dEle. Davi é o instrumento. A flecha não escolhe o alvo nem retesa o arco. A glória, do começo ao fim, pertence ao Senhor. E o próprio Davi seria o primeiro a corrigir qualquer página deste material que dissesse o contrário.

Algumas dessas histórias você talvez conheça. Outras, quase ninguém conhece. E todas elas estão contadas por inteiro, com o que vem antes e o que vem depois, no livro completo.

Boa leitura.

Capítulo um

A cobertinha

Tudo começa com uma cobertinha, no fundo de um templo.

Era uma terça-feira, numa igreja da Baixada Fluminense. Terças-feiras não têm nada de especial. As pessoas trabalham, os ônibus passam, o sol nasce sobre o Rio de Janeiro como nasce sobre qualquer lugar. Tem gente que acha que milagre tem dia marcado, dia de grande festa, de grande reunião. Mas quem conhece a Deus sabe que, para Ele, todos os dias são dias de milagre. Inclusive uma terça-feira comum. E naquela terça, como fazia em todos os cultos havia três anos, uma mulher entrou na igreja carregando no colo um menino de três anos e meio, estendeu uma cobertinha no chão, no fundo do templo, deitou o menino ali, foi para a frente, ajoelhou e começou a orar.

O menino não andava. E o nome daquela mulher era Maria dos Anjos.

Para entender o que aconteceu naquele culto, é preciso voltar três anos e meio.

Davi nasceu em Nova Iguaçu, no dia trinta de novembro de mil novecentos e setenta e cinco. Não nasceu em hospital. Nasceu dentro de casa, pelas mãos da própria avó, que era parteira, recebido pela família. Era o caçula de onze filhos

numa casa simples e cheia. O pai, o pastor Abrahão, era ministro do evangelho. A mãe, Maria, era uma mulher que nunca tinha pisado numa escola e que aprendeu a ler sozinha, já adulta, soletrando a Bíblia, porque um dia entendeu que, se a Palavra de Deus era para todos, então era para ela também. E quando aprendeu, passou a ensinar. Naquela casa havia culto doméstico todos os dias. A Bíblia ficava sobre a mesa da cozinha como ficava o pão.

Logo nos primeiros dias de vida, Maria levou o caçula à igreja e o consagrou ao Senhor. Desde Ana entregando Samuel no tabernáculo, o povo de Deus conhece esse gesto: uma mãe devolvendo a Deus o filho que recebeu dEle. Mas naquela consagração aconteceu algo a mais. O pastor levantou o bebê nos braços, olhou para aquela criança que cabia no colo de uma mão, e profetizou. Aquele menino seria um levita na casa de Deus. Um adorador. Um cantor. Alguém que passaria a vida servindo diante do Senhor.

Maria guardou aquela palavra dentro do peito como quem guarda uma promessa.

Seis meses depois, a promessa desabou.

A poliomielite entrou naquela casa sem pedir licença, como entra tudo o que destrói. O bebê gordinho e sorridente, de um dia para o outro, parou de mexer as pernas. Da cintura para baixo, o corpo não obedecia mais. Maria correu para os médicos, e os médicos examinaram, balançaram a cabeça e disseram o que tinham para dizer. Que não havia o que fazer.

Que ela precisava se acostumar com a ideia de que o filho talvez nunca andasse. Que o destino provável era uma cadeira de rodas. Que era preciso aceitar.

Maria voltou para casa com o filho no colo e a sentença na cabeça. À noite, deitou o menino no berço, olhou para ele por um longo tempo, e depois pegou a Bíblia. Ninguém soube o que ela conversou com Deus naquela noite.

Mas dá para saber o que ela decidiu. Porque os médicos diziam uma coisa e a profecia dizia outra, e Maria resolveu em qual das duas ia apostar. Os médicos eram médicos. A profecia era profecia. Aquele filho tinha sido entregue a Deus num altar, e sobre ele havia uma palavra declarada. Então, se Deus podia fazer alguma coisa, Deus teria todas as chances. E para Deus ter a chance, o menino precisava estar onde o povo de Deus se reúne.

Foi assim que nasceu a rotina da cobertinha.

Todos os cultos da igreja. Os cultos de oração. Os cultos nos lares. Maria pegava o filho que não andava e levava. Ele pesava, era um menino gordinho, e as outras crianças daquela idade já corriam pelos quintais enquanto o caçula dela se arrastava pelo chão com os braços. Ela carregava assim mesmo. Chegava, estendia a cobertinha no fundo do templo, deitava o menino, ia para a frente e orava. Não pedia microfone. Não fazia discurso. Não cobrava prazo de Deus. Quem cobra prazo de Deus desiste rápido, e Maria não cobrou. Só foi.

Três anos. Foram três anos assim.

Até aquela terça-feira.

O culto daquela igreja era contido, sóbrio, de gente ajoelhada falando com Deus em voz baixa. E no meio da oração, Maria percebeu uma agitação que não combinava com aquele culto. Um alvoroço vinha do fundo do templo e só crescia: gente se levantando dos bancos, vozes exaltadas, movimento onde devia haver quietude. Ela ergueu a cabeça para ver o que estava acontecendo.

E o que ela viu foi o filho.

De pé. Sobre as duas pernas que nunca tinham obedecido a ele. Com a cobertinha caída para trás, atravessando o corredor da igreja com os próprios pés, andando na direção dela. A igreja inteira tinha visto antes da mãe. Era de lá que vinha o alvoroço. Contam que a igreja explodiu em louvor. Que Maria chorou até ficar sem ar. Que o menino ficou agarrado a ela, em pé, sem entender por que aquela mulher chorava tanto. Ele não guardaria nenhuma memória da paralisia. Para ele, aquele seria apenas o dia em que a mãe ficou estranha.

A criança que não devia andar tinha andado.

Ficou uma marca, claro. Sempre fica. A perna esquerda, a mais atingida pela enfermidade, não cresceu como a outra. Ficou um pouco mais fina, com menos força. O menino cresceu com ela, correu com ela, jogou bola no quintal de areia com ela, e andou com ela a vida inteira. Hoje, aos

cinquenta anos, continua andando. Já cantou em dezesseis países. E a perna esquerda continua sendo o que sempre foi: o selo físico de uma terça-feira em que uma criança não devia ter andado, e andou.

E há um detalhe nessa história que quase ninguém sabe.

Maria nunca contou nada disso ao filho.

Por mais de vinte anos, Davi cresceu sabendo apenas que tinha tido uma doença quando bebê e que tinha ficado com uma diferença na perna. A profecia, a cobertinha, os três anos, a terça-feira, os passos no corredor: tudo ficou guardado no silêncio daquela mãe. Ela esperou o caçula crescer, casar, sair de casa, virar homem. E só abriu a história quando ele teve o primeiro filho. Foi numa visita à casa do filho recém-pai. Maria olhou para o neto, olhou para o caçula que ela tinha carregado por três anos numa cobertinha e que agora segurava um bebê nos braços, e disse que precisava lhe contar a história dele. Que sempre tinha se culpado por tudo aquilo.

E contou.

Naquele dia, a vida do Davi mudou de eixo. Por duas décadas, ele tinha pensado que carregava a sequela de uma doença de infância. Descobriu que carregava o selo de um milagre. Os fatos eram os mesmos. O que mudou foi onde a luz cai. Uma história de doença é a história de algo que aconteceu com uma criança. Uma história de milagre é a história de algo que Deus fez por uma criança. Davi passou a

contar a dele com a luz no lugar certo.

A visão do guerreiro e da aljava, aquela que abre este material, só aconteceria duas décadas mais tarde, e vai ser contada por inteiro na hora certa destas páginas. Mas guarde desde já o que ela significa. A aljava não foi aberta no dia da visão. Foi aberta antes. Foi aberta quando uma mãe entregou um recém-nascido no altar e um pastor profetizou o que ele seria. E foi mantida aberta por três anos, de joelhos, diante de uma cobertinha no fundo de um templo.

Porque antes de qualquer palco, qualquer canção e qualquer multidão, esta história tem uma fundação: uma profecia declarada sobre um bebê, uma mãe que apostou nela contra todos os diagnósticos, e um Deus que respondeu numa terça-feira comum, na Baixada Fluminense.

O menino andou. E os dois movimentos que viu a mãe fazer a vida inteira, ele faria também, nos dias bons e nos dias impossíveis.

Ajoelhar. E agradecer.

Capítulo dois

O menino de cabeça baixa

O menino do milagre cresceu, e cresceu com um segredo: ele tinha vergonha da própria voz.

A perna esquerda contava ao mundo o que tinha acontecido com ele. Era um desnível pequeno, que não o impedia de correr, jogar bola e brigar com os irmãos, mas era visível. E na escola pública da Baixada dos anos oitenta, criança falava o que via. Algumas chegavam para conversar. Outras, para zombar. Você manca? Por que você anda assim? Olha o jeito dele. Davi recebeu a dose das duas.

Ele não respondia. Aprendeu cedo que quem responde alimenta. E aprendeu também a não contar em casa. A mãe já tinha passado por demais com aquele filho. Não merecia ouvir, anos depois do milagre, que o caçula sofria na escola por causa do pouco que a enfermidade tinha deixado. Davi engoliu a zombaria, como tantos meninos engolem. E desenvolveu ali o primeiro talento que carregaria pela vida inteira: aprendeu a ler as pessoas. Em toda turma existe uma minoria que não precisa diminuir ninguém para se sentir grande. Davi identificava essas crianças e se aproximava delas. Não por pena, ele nunca quis pena de ninguém. Por amizade. A capacidade de olhar um ambiente e reconhecer

quem soma e quem destrói acompanharia aquele menino por todos os palcos e todas as salas da vida adulta.

Mas viver assim cansa. Davi virou um menino de dentro. Falava pouco, quase nada. Em casa, era o caçula que ouvia. Na escola, o aluno que entregava a prova sem fazer ruído. Na igreja, o filho do pastor que estava sempre presente sem nunca ocupar espaço.

Havia uma única exceção nesse silêncio. Quando Davi cantava, ele era outra pessoa.

A casa do pastor Abrahão e da Maria era uma casa que cantava. O pai tocava violão, os irmãos mais velhos tocavam e cantavam, sempre havia ensaio para culto acontecendo em algum canto. Era impossível crescer ali e escapar da música. O caçula não escapou. Mas ninguém sabia, porque ele cantava escondido.

Quem descobriu foi o irmão Moisés, o mais musical da casa, que tinha um grupo chamado Elisama e naquela época servia ao exército. Numa volta do quartel, ele entrou em casa no fim do dia e ouviu uma voz vinda do quarto da mãe. Uma voz de criança, cantando baixinho, para si mesma, com a certeza de que ninguém estava ouvindo. Moisés parou no corredor. Havia alguma coisa naquele timbre que não era de criança comum. Ele abriu a porta, e o menino parou de cantar na mesma hora, vermelho, como quem foi pego fazendo coisa errada. Continua, pediu o irmão. O menino não continuou. Então Moisés foi buscar o violão, sentou no chão

do quarto e entregou a ele uma canção que ele mesmo tinha composto, para o menino cantar. E o menino cantou. Olhando para baixo, sem confiança nenhuma, e completamente afinado.

Quando terminou, Moisés ficou um tempo em silêncio. Depois disse uma frase que guardaria pelo resto da vida.

Eu me desmancho com você cantando, mano.

Foi Moisés quem puxou o caçula para o Elisama. O grupo era de adultos, e o vocal principal passou a ser uma criança de oito anos. As pessoas ouviam aquela voz pequena cantando com aquela convicção e não sabiam direito o que fazer com a informação. O grupo começou a rodar os festivais cristãos do estado do Rio. Ganhou alguns. E foi sabotado em outros.

Houve um festival que ficou na memória da família. Durava dois meses, com etapas eliminatórias, e a vitória valia uma gravação. O Elisama foi avançando, etapa por etapa, com o menino na frente. Perto da final, os organizadores chamaram Moisés e apresentaram uma regra que ninguém tinha mencionado em nenhuma etapa anterior: o vocalista era criança, não havia categoria infantil, e se ele continuasse cantando o grupo seria desclassificado. Moisés perguntou por que só agora. Por que a regra não tinha aparecido antes. Por que justamente na reta final. Os organizadores não tinham resposta. Tinham só a regra. Moisés cantou na final no lugar do irmão, e o grupo terminou

em terceiro.

O menino tinha se preparado, tinha cantado, tinha vencido etapas. E ficou de fora sem ter feito nada de errado. Uma criança teria todo o direito de chorar diante disso. Davi não brigou, não reclamou, não fez cara feia. O próprio Moisés contaria, anos depois, ainda impressionado: ele ficou numa boa com aquilo. Era uma criança, mas já tinha entendido, mesmo na inocência dele, que aquilo era um chamado. E que chamado tem dessas coisas.

Ali, num festival sabotado da Baixada, apareceu pela primeira vez o traço que sustentaria tudo o que viria depois. A Palavra diz que Deus escolhe as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes, para que ninguém se glorie diante dEle. Deus escolheu um gago para falar com Faraó e um homem escondido num lagar para liderar um exército. A perna fina, a timidez e as portas fechadas não eram obstáculos ao plano. Eram parte da forja.

E o jeito de cantar daquele menino dizia tudo sobre ele. Quando o colocavam para cantar num culto, ele entrava em silêncio. Ninguém ouvia o boa tarde dele. Ia até o microfone, esperava a música começar, abria a boca e cantava. De cabeça baixa. De olhos baixos. Quando terminava, devolvia o microfone e ia sentar, sem cumprimentar ninguém na saída. Não era falta de educação. Era pavor. O menino que era mudo em todos os ambientes da vida só tinha voz num único lugar do mundo: dentro de uma canção. Por isso

cantava com aquela entrega. Cantar era o único momento do dia em que ele se autorizava a ocupar espaço. Ele mesmo resumiria essa fase, anos mais tarde, com uma exatidão que dispensa comentário. A minha válvula de escape era a música. Era a única forma de eu me expressar.

Aos quinze anos, ele já batia de porta em porta nas igrejas pequenas da região, se oferecendo para cantar de graça. Quando havia uma oferta, recebia a oferta. Quando não havia, cantava do mesmo jeito. Ninguém o conhecia. Ninguém o esperava. Ele ia assim mesmo, porque cantar para Deus nunca foi palco para ele. Era altar.

E foi nessa época que se formou, em silêncio, a pergunta que ia acompanhar esse homem por décadas. Uma pergunta que ele nunca disse em voz alta, mas que morava no peito, alimentada por cada final perdida e cada porta fechada.

Será que Deus precisava mesmo da voz dele?

A resposta ia demorar anos. E ia chegar da forma mais inesperada possível.

Mas antes de chegar, ela ia doer.

Capítulo três

A melhor roupa do armário

Mil novecentos e noventa e quatro. Vila Isabel, Rio de Janeiro.

Davi tem dezenove anos e serve como obreiro numa agência missionária, a Jocum, onde aprendeu a estudar a Bíblia, a orar de verdade e a entender que vocação é serviço. E naquele ano, o ministério de louvor da agência vai lançar um disco. O lançamento será num teatro de verdade, o Auditório Boas Novas, com palco de cortina, plateia e luz de cima.

E Davi foi convidado para cantar no lançamento.

Para um rapaz que tinha passado a adolescência cantando de graça em igrejinhas de bairro, aquilo era a maior oportunidade da vida. Ele se preparou por semanas. Ensaiou cada música com a banda. Decorou as passagens. Pediu oração para a mãe. Orou a tarde inteira do grande dia, não uma oração de nervosismo, mas de gratidão antecipada, porque ele sabia Quem estava abrindo aquela porta.

E separou a melhor roupa do armário.

Era uma roupa específica, escolhida dias antes, passada a ferro, pendurada com cuidado para não amassar. Sapato lustrado. Camisa bem dobrada. Davi não tinha dinheiro para

comprar roupa nova, mas a melhor peça que existia no guarda-roupa dele foi consagrada para aquela noite, como quem prepara uma oferta.

No dia, ele chegou cedo, com o coração transbordando. Ensaiou mais uma vez. Esperou a hora.

E então o líder do ministério entrou no camarim com uma notícia.

O técnico de som não tinha aparecido.

Sem alguém na mesa de som, não haveria evento. Os playbacks precisavam ser soltados na hora exata, no volume certo. E, olhando ao redor, o líder constatou: só uma pessoa naquele camarim sabia operar uma mesa de som, porque tinha aprendido na adolescência, por necessidade, ajudando nos eventos da igreja.

Ele.

A frase veio direta. Davi, infelizmente você não vai poder cantar, porque a gente está precisando de você em outra área. Não tem ninguém para ficar ali. Você é a única pessoa que pode ficar.

Davi ouviu a notícia em silêncio. Eram semanas de preparo e a primeira grande oportunidade da vida mudando de destino numa única frase.

E então Davi respondeu com a frase que, sem que ele soubesse, estava sendo registrada em outro lugar, por Alguém que não esquece.

Claro. Me fala o que eu tenho que fazer aqui.

Sem reclamar. Sem perguntar por que tinha que ser ele. Sem cobrar a injustiça de o único cantor especialmente convidado ser justamente o deslocado para os bastidores. Ele apenas obedeceu. Foi para a cabine no fundo do auditório, organizou os playbacks, equalizou o som, testou os microfones dos colegas que iam ministrar naquela noite.

E ali ficou a noite inteira, na cabine do fundo. Não cantei, resumiria ele anos depois. Ninguém me viu.

Nenhuma pessoa o viu, é verdade. Mas todo cristão carrega uma convicção que não falha: Deus vê. Deus sempre vê. E o que Deus viu naquela cabine ficou guardado no céu, esperando o dia certo de ser dito em voz alta.

Ele soltou cada playback no segundo exato. Fez o melhor som que conseguiu fazer. Serviu com o mesmo amor com que estaria no palco. Como se fosse para Deus. Porque era.

O evento terminou. Os colegas desceram aplaudidos. Davi recolheu o material em silêncio e foi para casa em silêncio, com a pergunta ardendo no peito, agora mais forte do que nunca.

Guarde esta cena. Guarde a roupa, a cabine, o silêncio. Porque dezessete anos depois, num camarim a poucos quilômetros dali, essa noite vai voltar. E a resposta que ela vai receber é uma das histórias mais impressionantes da música cristã brasileira.

Capítulo quatro

O guerreiro e a aljava

A vida seguiu depois daquela noite em Vila Isabel, e seguiu do jeito mais discreto possível. Davi terminou o tempo dele na Jocum. E no dia da formatura, sem que ele soubesse, Deus tinha marcado um encontro.

Fazia meses que uma amiga tentava apresentar Davi a uma jovem chamada Veronica. Era uma amiga de dois mundos: convivia com ele na base missionária e com ela na igreja. Para o Davi, falava de uma amiga que cantava como poucas, de voz linda, que ele precisava conhecer. Para a Veronica, falava de um amigo da Jocum que também cantava, também de voz linda, que ela precisava conhecer. Os meses foram passando, cada um imaginando quem seria o outro, e o encontro não acontecia.

Aconteceu no dia da formatura do Davi. Veronica foi acompanhar a amiga e pisou pela primeira vez na chácara da Jocum. Andando pelos corredores, passou por um cômodo aberto e ouviu uma voz de homem cantando ao violão, sem saber que tinha plateia. Ela parou. Olha a voz desse menino, disse baixinho. A amiga olhou para dentro do cômodo, sorriu, e respondeu que aquele era exatamente o amigo de quem ela tanto falava. E quando ele levantou os olhos do

violão e a viu pela primeira vez, aconteceu uma coisa que nenhum dos dois soube explicar depois. Tiveram a sensação imediata de já se conhecerem há muito tempo. Deus é sempre o melhor roteirista. A amiga tinha tentado por meses, e o encontro aconteceu no instante exato em que ele fazia, sem encenação nenhuma, a coisa que mais amava fazer no mundo.

Veronica entrou para a Jocum. Os dois, que tinham passado meses ouvindo falar um do outro, finalmente começaram a conversar. Tinham muito tempo para recuperar. E aos vinte anos se casaram, do jeito que se casavam os filhos daquelas casas: com a consciência de estar fazendo uma promessa para a vida inteira.

O casamento começou apertado. Os dois foram morar num cantinho ainda inacabado que tinham começado a construir sobre a casa do sogro. Davi saiu do trabalho missionário, que era voluntário, e foi procurar um emprego para sustentar a esposa. Encontrou. E perdeu. E não conseguiu outro. As contas foram se acumulando num canto da mesa, e sobre aquele homem novo desceu um peso que muitos homens conhecem: o de ter se casado para cuidar de alguém e estar sem ferramenta para cuidar.

Foi então que Davi tomou a decisão que definiria todo o resto. Já que o mundo lá fora não tinha emprego para dar, ele daria a Deus as primeiras horas do dia. Acordava cedo, pegava o violão e a Bíblia, ia para um canto da sala e ficava

ali. Tocava. Cantava. Lia. Chorava. Pedia. Esperava.

E numa daquelas manhãs de mil novecentos e noventa e seis, aconteceu.

Não foi sonho de quem dorme. A sala continuou ali, o violão continuou no colo, mas o que ele via já não era mais a sala. À frente dele havia um homem em trajes antigos, de guerreiro de outro tempo. Nas costas, uma aljava cheia de flechas. Na mão, um arco. O guerreiro puxava uma flecha, acendia fogo na ponta, entesava o arco e lançava. Davi seguia a flecha com os olhos. Ela cruzava o ar e cravava numa parede distante, onde havia um mapa do mundo. E onde a flecha cravava, um ponto do mapa começava a queimar. O guerreiro pegava outra. Acendia. Lançava. Outro ponto em chamas. E outro. O fogo se espalhando por vários cantos do mundo.

Então a visão se aproximou, e Davi viu a aljava de perto. Ainda havia muitas flechas ali, esperando. E em cada flecha, um nome. Ele se inclinou para ler. Os nomes eram títulos de canções. Canções que ele sabia que eram dele, embora nunca as tivesse escrito. Canções que não existiam.

Quando a visão passou, ele estava sem ar, no mesmo canto da sala, com o violão nos joelhos. E a primeira reação dele diz muito sobre quem ele era. Não saiu contando. Não se sentiu escolhido. Orou, e na oração chegou a dizer que talvez o anjo tivesse errado o endereço. Ele era tímido. Não sabia falar direito. Nem escrevia direito as próprias canções,

e elas nem eram tão boas assim.

Então sentiu no coração de pegar a Bíblia que estava ao lado. Era o que ele tinha aprendido em casa, com a mãe: quando o coração não sabe o caminho, a Palavra de Deus sabe. Abriu buscando direção, e o dedo caiu numa página do Salmo cento e vinte e sete. Como flechas na mão do valente, assim são os filhos da mocidade. Ele leu de novo. E de novo. As flechas tinham acabado de sair da aljava de um valente e cravar num mapa do mundo. E ali estava a Escritura, confirmando.

Davi fez com aquilo o que a mãe dele tinha feito com a profecia do pastor, duas décadas antes. Guardou no coração e entregou o tempo a Deus.

Porque entre uma promessa e o cumprimento dela quase sempre existe um deserto. José sonhou com o trono e acordou numa cisterna. Davi, o rei, foi ungido menino e passou anos fugindo em cavernas. E o Davi desta história não seria exceção. No ano seguinte, abriu-se uma porta: um amigo, que achava a voz do casal bonita demais para ficar conhecida só nas igrejas do Rio, indicou os dois a um ministério de louvor chamado Tabernáculo de Davi, do cantor Cláudio Claro. Davi e Veronica entraram juntos. Foram três anos de estrada e dois discos gravados, com participações do Davi em poucas faixas. Ele não era o protagonista. Era ainda o rapaz tímido de voz bonita, aprendendo por dentro como funciona a engrenagem de um

ministério que roda o país.

Foi ali, aliás, que nasceu de uma brincadeira o nome que o Brasil inteiro conheceria. Na hora de fechar a ficha técnica de um disco, observaram que Davi Oliveira era nome comum demais, fácil de confundir com outros artistas. Sugeriram que ele pensasse em algo ligado ao chamado dele. Ministro de louvor. Levita. Sacerdote. Davi Sacerdote, testou ele, e todos acharam pesado demais. Alguém cortou pela metade: Davi Sacer. A banda riu, ele riu junto, e a brincadeira pegou de um jeito que ninguém controlou mais. O nome saiu do estúdio, caiu na boca do meio cristão do Rio, e quando Davi tentou corrigir já era tarde. Com o tempo, ele mesmo entendeu que aquilo não era apelido. Sacer vem de sacerdote: aquele que ministra diante do Senhor e some na fumaça do incenso, para que Deus apareça. Eu não digo que é nome artístico, diria ele anos mais tarde. Eu digo que é nome profético.

Mas o deserto ainda era deserto. No fim daquele ciclo, Davi estava exausto da estrada, ferido na alma, desconfiado do próprio chamado. Quatro anos tinham se passado desde a visão, e nenhuma das canções da aljava existia. Ele começou a achar que talvez música não fosse para ele. E chegou ao ano dois mil do jeito que ninguém imagina que uma promessa chega a algum lugar: cansado, calado, querendo apenas encontrar uma igreja, sentar num banco do fundo e ficar quieto diante de Deus.

Ele não sabia. Ninguém sabia.

Mas era exatamente ali, no banco do fundo, que a primeira flecha ia começar a se mexer.

Capítulo cinco

As manhãs de Nova Iguaçu

A igreja se chamava Ministério Apascentar de Nova Iguaçu, e Davi entrou nela em abril do ano dois mil querendo ser somente membro. Sentar. Ouvir. Servir em silêncio. Não se oferecer para nada.

Mas é difícil se esconder dos olhos do Senhor.

Aos poucos, sem pedir, ele foi sendo envolvido no louvor da casa. E em janeiro de dois mil e dois, o pastor Marcus Gregório reuniu um pequeno grupo com a Bíblia aberta no capítulo vinte e cinco do primeiro livro de Crônicas, onde o rei Davi separa músicos para servirem no templo em tempo integral. Homens que não faziam outra coisa da vida. Levitas, sustentados pela casa, separados para a adoração.

E o pastor fez uma proposta quase inédita no Brasil daquele tempo: formar uma banda de levitas em tempo integral. Oração e jejum todas as manhãs, antes das sete. Ensaio à tarde. Ministração à noite. Um dos primeiros convidados foi o rapaz calado do banco.

Davi disse sim. E a fundação de tudo o que o Brasil conheceria depois não foi um contrato, nem um estúdio. Foram aquelas manhãs. Todos os dias, de segunda a sexta, um grupo de músicos ajoelhados numa igreja da Baixada,

buscando a presença de Deus antes de tocar uma nota. Quem quiser entender de onde veio o peso daquelas canções, a resposta está ali. Elas não nasceram de talento. Nasceram de joelhos.

O primeiro disco foi gravado ao vivo, na própria igreja, e ganhou o nome de uma canção nascida numa dessas manhãs de oração, quando Davi lembrou da história bíblica de um homem que correu para o tabernáculo e se agarrou às pontas do altar, buscando o favor do rei. A canção se chamou Toque no Altar. E aconteceu uma coisa que ninguém planejou: o povo, vendo o título do disco na capa, entendeu que aquele era o nome do grupo. Pediam nas lojas, comentavam nas rádios, chamavam a banda de Toque no Altar. Não foi o pastor que batizou a banda. Não foi a gravadora. Foi o povo de Deus.

Capítulo seis

Flechas no ar

Depois veio a canção que mudou tudo. E a história dela começa numa manhã de novembro de dois mil e três, num ensaio como outro qualquer.

A banda estava no altar quando o pastor Marcus entrou com um pedido direto: a igreja começaria uma campanha de trinta dias sobre restituição, baseada na promessa de que Deus devolve o que o inimigo rouba, e ele queria uma canção sobre o tema para tocar na campanha. Disse o que tinha para dizer e foi embora.

Por dentro do Davi e do Luiz Arcanjo, os dois compositores, houve resistência. Não ao pastor. Ao pedido. Eles queriam continuar fazendo canções de adoração direta, canções apenas para o Senhor, e compor sobre um tema encomendado era um território onde nunca tinham pisado com conforto. Mas os dois tinham aprendido a confiar na liderança. Disseram sim.

Saíram do ensaio e foram para a salinha anexa onde a banda costumava orar antes de compor. Davi pegou o violão. E a primeira coisa que fizeram ali não foi música. Foi uma oração de desabafo, daquelas que só quem tem intimidade com Deus tem coragem de fazer. Disseram ao Senhor que

não queriam fazer uma canção como aquela, que queriam continuar compondo apenas para Ele. Mas que estavam debaixo de uma liderança, que o pastor deles era um profeta, um líder espiritual sobre as vidas deles, e que, se aquilo era mesmo a vontade de Deus, então Deus precisava dar a canção, porque eles não sabiam fazer. Não era a oração de quem estava pronto para escrever. Era a oração de quem estava pronto para obedecer sem estar pronto para escrever.

Depois abriram a Bíblia e leram Isaías. Conversaram sobre as pessoas que os procuravam na igreja carregando perdas de todo tipo. E foi nessa conversa que o Luiz lembrou de uma coisa. Semanas antes, ao fim de um culto, uma mulher tinha segurado o braço dele e contado que havia perdido o marido e os três filhos num acidente de carro, e que por dentro tinha morrido junto com eles. Diante daquela dor, ele não conseguiu dizer nada. Foi para casa carregando aquilo no peito e começou, sozinho, um pedaço de canção que ainda não sabia para onde ia. Ali na salinha, o Luiz mostrou ao Davi o que tinha. O Davi ouviu e reconheceu na hora. Era ali.

Os dois passaram a manhã construindo juntos, a quatro mãos, sobre aquele começo. Verso, refrão, ponte. Quando a canção ficou redonda, levaram ao pastor. Marcus ouviu em silêncio. Pediu para ouvir de novo. Cantaram outra vez, sem banda, só o violão. Ele gostou. E então fez uma pergunta simples, quase casual, que ninguém esperava.

Mas é só isso a música?

Davi e Luiz se entreolharam. Na cabeça deles, a canção estava completa. Mas naquele olhar os dois entenderam a mesma coisa: o pastor, do jeito dele, estava pedindo uma parte que ainda não tinha nascido. E o Davi respondeu como quem aceita uma encomenda de fé.

Pastor, à noite, no culto, o senhor vai ouvir.

A parte ainda não existia. Existia uma tarde inteira e uma palavra empenhada. Os dois voltaram para a salinha, oraram de novo, conversaram, ficaram em silêncio. E em algum momento daquelas horas entre a manhã e a noite, uma palavra começou a se impor dentro deles: tempo. A canção, do jeito que estava, falava da restituição da vida e da alegria. Mas havia uma coisa que, uma vez vivida, não volta: o tempo. A terceira parte nasceu olhando de frente para essa fronteira, e respondendo com a promessa de que aquilo que o Senhor preparou para quem clama é tão grande que o tempo roubado perde qualquer força de comparação.

À noite, a banda ensaiou rápido, o pastor aprovou, e a canção foi cantada pela primeira vez diante da comunidade naquele mesmo culto. Pedida de manhã. Cantada à noite.

Anos depois, o Davi resumiria a história do jeito dele. Decidimos obedecer a voz do nosso pastor. E a canção Restitui tá aí pra contar a história. Ele mesmo faz questão de dizer, com generosidade, que ele e o Luiz guardam dois olhares diferentes, duas percepções da mesma história. É o

que acontece com as histórias grandes demais para caber numa memória só.

Era para servir a campanha de uma única igreja. Atravessou o Brasil inteiro, virou clamor de milhões, e segue viva até hoje, colecionando testemunhos de gente tocada, abençoada e curada através dela.

E as flechas continuaram saindo. No fim de dois mil e quatro, o pastor Marcus chamou Davi e Veronica ao gabinete pastoral e lançou um desafio: a igreja faria uma campanha chamada Deus de Promessas, ele queria que os dois compusessem as canções, e daquela campanha nasceria um álbum. O sarrafo estava nas alturas. Toque no Altar e Restitui tinham corrido o Brasil, e os dois se sentiram pequenos, até incapazes, diante do tamanho da responsabilidade. A resposta deles foi a resposta de sempre: orar ainda mais. A casa virou lugar de busca, com cultos domésticos no tempo livre. E, a pedido do casal e com o sim do pastor, o time de composição ganhou um terceiro nome, o maestro e pianista Ronald Fonseca.

Foi num daqueles cultos em casa que a Veronica começou a cantar, espontaneamente, uma frase que não existia. O Davi, no violão, pediu na hora que ela ficasse ali, naquilo, porque aquilo era lindo demais. Dali nasceu Desejo do Meu Coração. E foi naqueles mesmos dias que a Veronica sonhou que Deus daria ao grupo uma canção que seria cantada por gente de todas as classes: gente de chinelo e bermuda, gente

de terno, gravata e maleta na mão, mulheres, crianças, uma canção que tomaria a nação. Ela contou o sonho ao Davi e ao Ronald. Dias depois, a canção chegou, carregando o próprio nome da campanha: Deus de Promessas.

O álbum saiu em março de dois mil e cinco, e o sonho se cumpriu com sobras. A canção atravessou fronteiras a ponto de, muitos anos depois, a Seleção Brasileira entrar em campo numa Copa do Mundo cantando aquele louvor. E a Veronica resumiria o papel do pastor naquela fase com uma palavra de honra: um desatador de talentos.

Tua Graça me Basta foi escrita de madrugada, num quarto de hotel na Bahia, depois de uma noite de frustração que dois adoradores decidiram entregar a Deus antes de dormir. Cada canção com a sua história. Cada história com o mesmo Autor.

Vieram os prêmios, as multidões, as viagens internacionais. Em outubro de dois mil e seis, diante de dez mil pessoas no Rio de Janeiro, o Toque no Altar viveu o ponto mais alto daquele tempo.

E foi exatamente ali, no ponto mais alto, que aquele ciclo começou, em silêncio, a se fechar.

Capítulo sete

O cristal

Em dois mil e sete, o ciclo do Toque no Altar chegou ao fim.

Não é preciso, e não seria justo, reabrir aqui os detalhes daquele tempo. O que importa para esta história cabe em poucas linhas. Houve uma ruptura entre os músicos e a igreja onde tudo tinha nascido. Todas as partes tiveram as suas razões, e este material não julga nenhuma delas. Mas foi uma ruptura. E ruptura entre irmãos é sempre ruim para o Reino.

Os sete músicos saíram juntos e fundaram um novo ministério, o Trazendo a Arca. E seguiram fazendo a única coisa que sabiam fazer.

Em maio de dois mil e oito, na véspera de gravarem um DVD histórico no ginásio do Maracanãzinho, com ingressos esgotados, a produção encontrou uma cena que resume aquele grupo. No meio da montagem do palco, os sete estavam prostrados, com a testa encostada no chão do ginásio, chorando e consagrando a noite seguinte a Deus. Não era ensaio de câmera. Não havia imprensa vendo. Eram levitas entendendo que a única coisa capaz de justificar aquele palco era a presença real de Deus.

Anos mais tarde, olhando para aquele tempo com a maturidade de quem já atravessou muitas estações, Davi

usaria uma imagem delicada para falar do assunto: uma amizade rompida é como um cristal que se quebra. Pode-se colar, mas não volta a ser o mesmo cristal. Não é uma imagem de culpa. Ninguém precisava estar errado para o cristal se quebrar, e as razões existiam de todos os lados. É uma imagem de cuidado. Ela ensina o valor do que se perde quando irmãos se separam, seja qual for o motivo. E ensina por que a palavra restauração é tão preciosa no Reino.

E a história não parou na ruptura. Com o tempo, o Davi reatou a aliança com o pastor Marcus e com a igreja onde as canções nasceram, e voltou a ministrar naquele altar. Hoje estão bem, e está tudo certo, graças a Deus. Porque no Reino as histórias não terminam na quebra. Terminam na restauração.

O homem estava em paz com a própria história. Mas a pergunta da vida dele, aquela de Vila Isabel, continuava sem resposta.

Faltava um camarim.

Capítulo oito

A noite em que Deus falou

Sete de junho de dois mil e onze, uma terça-feira. Via Show, São João de Meriti, a poucos quilômetros de Nova Iguaçu.

Davi Sacer vai gravar o primeiro DVD solo da carreira, numa casa de shows para dez mil pessoas, sem nome de banda no cartaz. É uma aposta enorme. O público sempre o conheceu como a voz de um grupo. Ninguém sabe se as pessoas vão atravessar uma noite de semana para ver um homem sozinho diante do próprio nome.

Davi chega cedo e faz o que sempre fez diante das grandes horas. Se tranca no camarim e ora. Não sai para conferir a produção. Não vai espiar o público. Fica ali, durante horas, diante de Deus.

No meio da tarde, a manager Margarida Bucater precisa confirmar um detalhe e entra no camarim. Encontra o cantor em oração. Ele levanta os olhos e faz uma única pergunta. Como estão?

E ela responde com a frase mais simples do mundo.

Davi, a casa está lotada.

Ele não comemora. Não solta um grito, não abraça ninguém, não corre para contar à banda. Ele se levanta, agradece com a cabeça, procura um canto reservado e se

ajoelha para agradecer a Deus. Como a mãe ensinou. Como ele fez a vida inteira.

E é ali, ajoelhado num canto, com dez mil pessoas do outro lado da parede, que Deus fala com ele.

Não é voz audível. Não é visão, nem sonho. É a forma como Deus fala com quem passou a vida aprendendo a ouvir. Uma certeza que chega ao coração com autoridade própria, trazendo uma lembrança que o Davi tinha enterrado debaixo de dezessete anos de vida.

Um auditório em Vila Isabel. Um técnico de som que não apareceu. Um rapaz de dezenove anos com a melhor roupa do armário, escondido numa cabine no fundo, soltando playback com amor, sem ninguém ver.

E a palavra que desce sobre aquele camarim é, em essência, esta. Eu vi você, Davi. Eu vi o coração com que você fez aquilo. Eu vi a roupa que ficou guardada. Eu vi a humildade com que você trocou o palco pela mesa de som sem reclamar. Ninguém te viu naquele dia. Mas Eu vi. E Eu nunca esqueci.

E então, a frase que respondeu a pergunta de uma vida inteira.

Hoje, Davi. Hoje Eu estou te recompensando.

O homem chorou ajoelhado naquele canto por um tempo que nunca conseguiu medir. A pergunta que ele carregava desde menino, a de saber se Deus precisava mesmo da voz dele, estava respondida. Deus não tinha apenas visto a noite

mais invisível da vida dele. Tinha guardado cada detalhe, durante dezessete anos, esperando o dia exato de pagar aquela oferta em público.

Davi enxugou o rosto, atravessou o corredor, subiu no palco diante de dez mil pessoas e cantou como quem tinha acabado de sair de uma audiência com o Rei.

E anos mais tarde, Deus ainda acrescentaria um detalhe que parece roteiro de cinema. Davi aceitou um convite de rotina para cantar numa igreja no Rio de Janeiro. Chegou ao endereço, olhou para o prédio, e o coração disparou. Era o mesmo Auditório Boas Novas de Vila Isabel, agora ocupado por outra igreja. O mesmo palco. O mesmo fundo onde ele tinha ficado escondido. E enquanto caminhava para a passagem de som, ele ouviu de novo, no coração, a voz que conhecia. Hoje Eu te trouxe aqui para você cantar o que naquele dia você não pôde cantar.

Deus pensa nos detalhes, resumiria o Davi, ainda espantado, ao contar essa história. Nos mínimos detalhes. Até naquilo que a gente não lembra mais. Saiu da nossa memória, mas não saiu da memória do Senhor.

Capítulo nove

O Encontro

Em março de dois mil e vinte, pela primeira vez desde mil novecentos e noventa e quatro, a agenda do Davi zerou por completo. Não por crise. Pelo mundo. Uma pandemia fechou aeroportos, ginásios e, pela primeira vez na vida de qualquer pessoa viva, as portas das igrejas no domingo.

Para a maioria dos artistas, aquilo foi o colapso de um ofício. Para o Davi, foi um exame de uma matéria que Deus vinha lhe ensinando desde a cabine de Vila Isabel. Que o palco nunca foi o ponto. O prédio fecha. O altar, não.

Trancados em casa, Davi e Veronica começaram a fazer devocionais diários pelas redes sociais. Sem produção, sem figurino, sem palco. Um casal, uma Bíblia, um violão e uma câmera de celular. E aquele ministério, reduzido ao tamanho de uma tela, entrou todos os dias na casa de milhões de brasileiros assustados, levando a Palavra a gente que jamais tinha ido a um show deles.

Foi dessa intimidade improvisada que nasceu uma ideia. Davi pensou em fazer uma live maior, ao vivo, e convidou para cantar com ele um velho companheiro de estrada: Luiz Arcanjo, a outra voz do Trazendo a Arca, o grupo que Davi tinha deixado dez anos antes, em paz, para seguir o chamado

da carreira solo. A live dos dois fez bem a quem cantou e a quem assistiu. E daquela noite nasceu, com a naturalidade das coisas de Deus, o passo seguinte: uma transmissão com todos. E que ela fosse o encontro.

Dois de maio de dois mil e vinte, sete horas da noite. No altar da Igreja Batista Atitude, no Rio de Janeiro, num templo vazio de público e cheio de câmeras, posicionaram-se sete músicos. Davi. Veronica. Luiz Arcanjo. Ronald Fonseca. Deco Rodrigues. André Mattos. Isaac Ramos. Os mesmos sete que tinham saído juntos em dois mil e sete, agora com dez anos a mais no rosto e nas mãos, reunidos diante de um altar para ministrar a um país inteiro trancado em casa.

Foram horas de louvor, o repertório de uma vida. E foi Restitui, cantada pelos dois homens que a escreveram, lado a lado outra vez.

Olhar para o altar e ver aqueles amigos ao meu lado foi uma emoção muito grande, contou o Davi. Passou um filme na minha cabeça. Me lembrei do tempo em que ficávamos numa salinha, orando, chorando, adorando a Deus. E o Luiz Arcanjo, espantado de ver adolescentes cantando de cor canções escritas antes de eles nascerem, resumiu o ofício de todos eles numa frase. Para mim, é um prêmio ser músico, cantor e compositor. E fazer isso para Deus é um prêmio impagável.

É preciso dizer a verdade sobre aquela noite. Ela não veio consertar nada, porque entre aqueles músicos não havia nada quebrado. Dez anos tinham se passado, cada um tinha seguido o próprio chamado, e o que aquela noite provou foi uma coisa rara e preciosa: a amizade tinha permanecido o tempo inteiro. E até a lição do cristal, daquela história antiga com a igreja, apareceu ali com outra luz. Cristal partido não precisa ser refeito perfeitamente, porque Deus tem coisas novas. Deus não precisou devolver o passado a ninguém. Ele fez uma coisa nova, diante de um país inteiro.

A canção tinha alcançado os próprios autores.

E enquanto a vida voltava devagar ao normal, o Brasil caminhava para um dos períodos mais tensos da sua história recente. A próxima prova do Davi não viria de um palco.

Viria de uma sala em Brasília que ele nunca tinha visto.

Capítulo dez

A lista

Em novembro de dois mil e vinte e dois, dias depois da eleição mais disputada da história recente do país, a conta do Davi Sacer no Twitter simplesmente parou de existir.

Ele tinha feito o que milhões de brasileiros fizeram naquelas semanas. Como um cidadão comum, eu me manifestei sobre as eleições, contaria ele depois. Retuiter algumas coisas, coisas legais, dentro da lei. Mas o meu Twitter foi bloqueado em novembro de dois mil e vinte e dois.

Do lado de dentro da vida dele, o que houve foi um silêncio sem explicação. Nenhuma notificação chegou. Nenhum documento. Nenhum motivo. Ele tentou recuperar a conta muitas vezes, ao longo de meses. Nada funcionou. E não havia a quem perguntar por quê.

O leitor destas páginas já sabe que não era a primeira vez que o Davi era posto em silêncio sem explicação. Mas havia uma diferença enorme em relação a Vila Isabel. Lá, alguém olhou nos olhos dele e pediu, e o silêncio foi uma oferta que ele escolheu fazer. Aqui, ninguém pediu nada. O silêncio foi uma ordem. E ele nem sabia de quem.

A resposta demorou quase dois anos. E não veio dos tribunais. Veio do jornalismo.

Em agosto de dois mil e vinte e quatro, o jornal Folha de S.Paulo publicou conversas internas de auxiliares do gabinete do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. Num dos diálogos revelados, da véspera do bloqueio, o nome do Davi aparece numa lista de perfis a bloquear. Um servidor chegou a ponderar, por escrito, que talvez não fosse boa ideia, porque se tratava de um dos cantores gospel mais famosos do país. A resposta que recebeu, segundo a reportagem, encerrou a dúvida: o pedido tinha vindo do próprio ministro. Paciência. Vamos em frente.

Foi assim, pela imprensa, junto com o Brasil inteiro, que o Davi descobriu quem havia apagado a voz dele. Semanas depois, o documento do bloqueio veio a público, e ele confirmou aos jornalistas, com serenidade: eu nunca mais consegui desbloqueá-lo, e só agora fiquei sabendo o que aconteceu.

E aqui está o retrato do homem. Diante da maior afronta pública que já sofreu, Davi não convocou coletiva de imprensa. Não gravou desabafo. Não atacou ninguém. Ele abriu as redes sociais, citou a carta de Paulo aos Efésios e escreveu uma única resposta.

Nossa luta é contra principados e potestades. Orem por mim.

É a resposta de um levita. Quem passou a vida devolvendo a glória a Deus, na hora da ofensa, devolveu também a batalha para Deus. A Palavra ensina que a nossa luta não é contra carne nem sangue, e o Davi decidiu viver o que sempre cantou, no dia em que viver isso ficou caro.

Até hoje, a conta segue bloqueada.

Mas dentro daquele silêncio de dois anos, uma pergunta nova foi plantada no coração dele. A pergunta antiga da vida do Davi era se Deus precisava da voz dele. A nova era outra.

E se a voz dele fosse necessária também nas salas onde essas decisões são tomadas?

Ele fez com essa pergunta o que faz com toda pergunta grande. Não respondeu no impulso. Colocou debaixo de oração.

E a resposta mudou a última página desta história.

Epílogo

A flecha que não era canção

A resposta veio em dois tempos, e os dois couberam no mesmo ano.

Primeiro, a música. Em abril de dois mil e vinte e cinco, Davi assinou com a Universal Music Christian Group, uma das maiores gravadoras do mundo, e em março de dois mil e vinte e seis lançou o álbum que abre a fase mais madura do ministério dele. Onze canções congregacionais, feitas para a igreja cantar junto, como sempre foi. E o nome do disco é, em três palavras, o testemunho que aquele homem carrega desde a cobertinha.

Salvo Pela Graça.

Depois, a decisão que ninguém esperava. Em abril de dois mil e vinte e seis, Davi Sacer anunciou publicamente que é pré-candidato a deputado federal por São Paulo. E fez questão de explicar, já na primeira frase, o que aquilo era e o que não era.

Essa não é uma mudança de propósito. É uma ampliação de missão.

É preciso entender o tamanho dessa decisão. Davi não precisava da política para nada. Aos cinquenta anos, ele tem tudo o que um ministro de louvor poderia ter: o catálogo

cantado pelas igrejas há mais de duas décadas, o contrato novo, a agenda cheia, a família firmada, o nome respeitado. E a política, para um artista consolidado, costuma ser uma operação de subtração. Divide plateias, cria adversários, entrega a reputação ao moedor da praça pública. Quem tem tudo a perder e nada material a ganhar, e entra assim mesmo, não está fazendo conta.

Está devolvendo.

O povo brasileiro deu a ele, por mais de vinte anos, algo que dinheiro nenhum compra: ouvidos. Abriu as igrejas, as casas, os carros e os fones para a voz dele. E o Davi entende que chegou a hora de servir a esse povo também nas salas onde as canções não entram. Nas salas onde se decide, longe dos olhos de todos, o que uma família pode ensinar, o que uma igreja pode pregar, o que um cidadão pode dizer. Ao longo dos anos, conversando com milhares de pessoas pelo país, explicou ele, percebi que não basta cantar sobre transformação. É preciso participar dela.

O ministério não para. O louvor e a Palavra continuam. E o pedido que ele fez ao anunciar a decisão foi o mesmo que ele faz a vida inteira, diante de tudo. Peço que você ore por mim.

No fim, esta história inteira cabe numa pergunta.

Quem sustentou o menino de cabeça baixa e perna fina? Quem viu o rapaz invisível atrás da mesa de som e guardou a cena por dezessete anos? Quem restaurou a amizade

quebrada e o ministério rompido? Quem lotou uma casa de shows numa terça-feira, quem devolveu a canção ao altar onde ela nasceu, quem sustentou o homem quando a voz dele foi apagada de uma lista que ninguém podia ler?

Eu não, responderia o Davi. Deus.

A aljava que uma mãe abriu em mil novecentos e setenta e cinco, num altar da Baixada, e que sustentou por três anos, de joelhos, diante de uma cobertinha no fundo de um templo, continua aberta. A primeira flecha demorou décadas para voar. A mais recente acabou de deixar a aljava, e não é uma canção.

E ainda há flechas com nomes que ninguém leu.

A Deus toda a glória.

A história completa

Estas dez flechas são cenas de Davi Sacer, A aljava, a biografia autorizada que conta a história inteira, em três atos, com tudo o que não coube nestas páginas.

Acompanhe o Davi Sacer nas redes sociais para saber do lançamento do livro completo e das novidades do ministério.

Este material é de distribuição gratuita. Se estas páginas abençoaram você, compartilhe com alguém que precisa ser lembrado de que Deus vê, Deus guarda e Deus restitui.

CLIQUE AQUI PARA SEGUIR O DAVI SACER NAS REDES SOCIAIS



@DAVISACER



@DAVISACEROFC